

# Os controladores de voo e os Médicos

À primeira vista, não parece existir nenhuma ligação entre estas duas profissões. Parece que estão tão distantes uma da outra, que qualquer análise comparativa pareceria um quadro totalmente surrealista.

Será mesmo que estas duas categorias não têm pontos em comum? Então, vejamos:

a) Os controladores de voo recebem salários que variam de R\$ 1,8 mil a R\$ 4 mil, o que leva alguns profissionais a adotarem outra(s) jornada(s) de trabalho para poder cobrir as despesas do orçamento familiar. Com os médicos, é diferente? A cada dia, a classe médica tem assumido cada vez mais horas de trabalho. São plantões após dois turnos em unidades básicas de saúde, ou após plantão de 24 horas, que são seguidos por mais 24 horas em outro hospital, muitas vezes em municípios vizinhos.

b) Os controladores de voo denunciaram que chegaram a ter 20 aviões sob sua responsabilidade quando o máximo aceitável seriam 14. E os médicos que atuam em PS, será que são diferentes? Existem PSs na região de Campinas em que 12 horas de plantão representam mais de 600 fichas-consulta para quatro profissionais médicos.

c) Os controladores de voo reclamam a necessidade de mais profissionais e melhores equipamentos para desempenharem com segurança as suas jornadas de trabalho. E com a categoria médica, é diferente? O que dizer de exames fundamentais para esclarecimento ou diagnóstico precoce para câncer de mama - como ecografia de mama ou mamografia -, que na rede pública municipal de Campinas demora em média 90 (noventa) dias? Se for para consulta com ortopedista, aí se pode esquecer - o tempo médio é de 1 ano. É isso mesmo, doze meses. E olha que o prefeito de Campinas, Dr. Helio de Oliveira Santos, é médico e teve como uma de suas bandeiras de campanha à Prefeitura a melhoria do serviço público municipal de saúde.

d) Quando os controladores de voo fizeram a operação-padrão, instalou-se o caos nos aeroportos. Assistimos às cenas de confronto entre passageiros e funcionários das companhias aéreas, pessoas dormindo no chão ou em bancos, a indignação estampada em cada cidadão que precisava viajar de avião

durante a crise. E com a categoria médica, é diferente? Lembrem-se do caso recente em que uma colega foi violentamente agredida em uma unidade básica de saúde no município de Hortolândia, e que saiu do trabalho de ambulância para ser submetida a uma tomografia devido ao trauma de crânio ocasionado pelo soco desferido pelo paciente que aguardava atendimento? E os médicos peritos do INSS que são vítimas de agressões físicas (sem contar as morais) e até de emboscada e morte pelos usuários de um sistema de saúde que, na opinião do cidadão que ocupa a Presidência da República, é uma verdadeira perfeição, e que não conseguem a assistência pela qual pagaram?

Grande parte da população, embora considerasse justa a reivindicação dos controladores de voo, que na verdade foi penalizada, declarou que deveria existir outra forma de protestar por melhores condições de trabalho e salário. E os médicos, quando resolvem cruzar os braços, como os que estão iniciando a carreira agora, **os médicos residentes?** O que não é dito em ambos os casos é que esta medida acontece quando todas as tentativas de diálogo não encontraram nenhuma atenção por parte dos gestores da área da saúde e não sobrou outra alternativa senão a paralisação. É lógico que serão criticados como os controladores de voo foram, mas, infelizmente, não sobrou outra medida senão a paralisação.

Não estou defendendo o movimento dos controladores de voo, até porque não tenho procuração da categoria para tal. No entanto, chega-se a este impasse quando os dirigentes de setores vitais ao bom funcionamento do país insistem em se fazer de surdos para profissionais que vêm sinalizando que estão no limite de suas atividades.

Na minha próxima viagem aérea, espero que os profissionais que atuam na torre de controle estejam: descansados, com equipamentos suficientes para as respectivas tarefas e despreocupados com a questão salarial para que o avião possa decolar, voar e aterrissar sem turbulências, tal como deveria ser o trabalho de todos os médicos (residentes ou não), nos diferentes níveis de complexidade.

**Dr. Luiz Alberto Barcellos Marinho** é médico mastologista e ginecologista e Diretor do Sindimed Campinas

